# Mulheres na arte

## A POÉTICA DE ARTISTAS LATINOAMERICANAS

Andressa Abbagliato
Kássia Meireles

# CADERNO DE REFERÊNCIAS

Rio de Janeiro
2023

"Se a história do feminismo é pouco conhecida, deve-se também ao fato de ser pouco contada."

TRECHO DO TEXTO "FEMINISMO UMA HISTÓRIA A SER CONTADA"
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

**Ana Mendieta** foi uma artista cubana que deixou um legado significativo na arte. Suas obras exploram temas relacionados à identidade, ancestralidade e conexão com a natureza. Mendieta utilizava seu próprio corpo como meio de expressão, deixando marcas e impressões em diferentes espaços e materiais.

Enquanto mulher latina exilada nos Estados Unidos, Mendieta questionava o sistema de arte predominantemente branco e masculino, trazendo sempre questões políticas para suas obras. Sua obra é completamente atravessada por suas experiências de vida e carregadas das pautas de gênero. Seu trabalho desafiou as fronteiras entre o corpo feminino, a terra e a espiritualidade, abrindo novos caminhos na arte contemporânea.

Andressa Abbagliato

**(Hugo Huerta Marin)** - Can we talk about the genesis of the Ana Mendieta series?

**(Tania Bruguera)** - Tenía 18 años y poco a poco me di cuenta que todos los artistas "importantes" que estudiábamos en la escuela eran hombres y no había figuras icónicas femeninas, pero un día unos amigos me enseñaron una postal de 54 Portrait of an artist Ana Mendieta. Un amigo que la conocía, nos dijo que la próxima vez que ella fuera a Cuba nos la iba a presentar, pero justo después de eso Ana falleció. Me quedó un vacío emocional que se identificó con el vacío que me dejaron las personas que se estaban yendo de Cuba por ese tiempo, entre ellos mi novio, mis profesores y mis amigos.
Otro aspecto de su obra se manifestó: el carácter transterritorial de la identidad nacional. Así que decidí hablar de mi situación a través de Ana Mendieta. Al mismo tiempo también entendí que Cuba no era la imagen de un hombre que llevaba cincuenta años en el poder, ni las fotografías de las masas alegres. Cuba era una forma de ver la vida. A partir de ese momento decidí que mi obra iba a ser cubana, no por usar colores, paisajes, o símbolos nacionales, si no porque era una manera distinta de ver el mundo. "

TRECHO EXTRAÍDO DA ENTREVISTA "RETRATO DE UN ARTISTA: TANIA BRUGUERA" DE **HUGO HUERTA MARIN**

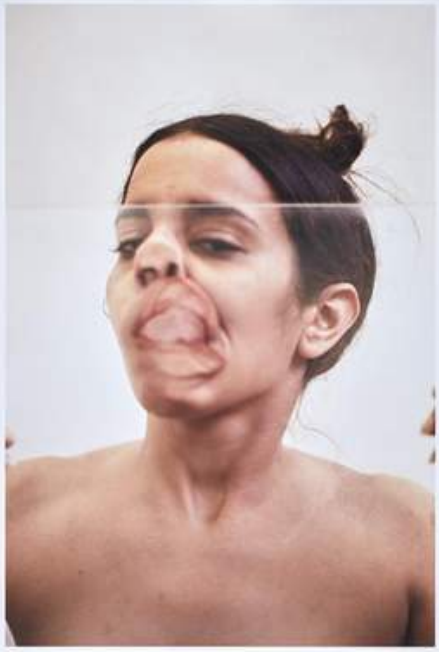
**(Hugo Huerta Marin)** - Podemos falar sobre a série *Tributo a Ana Mendieta?*

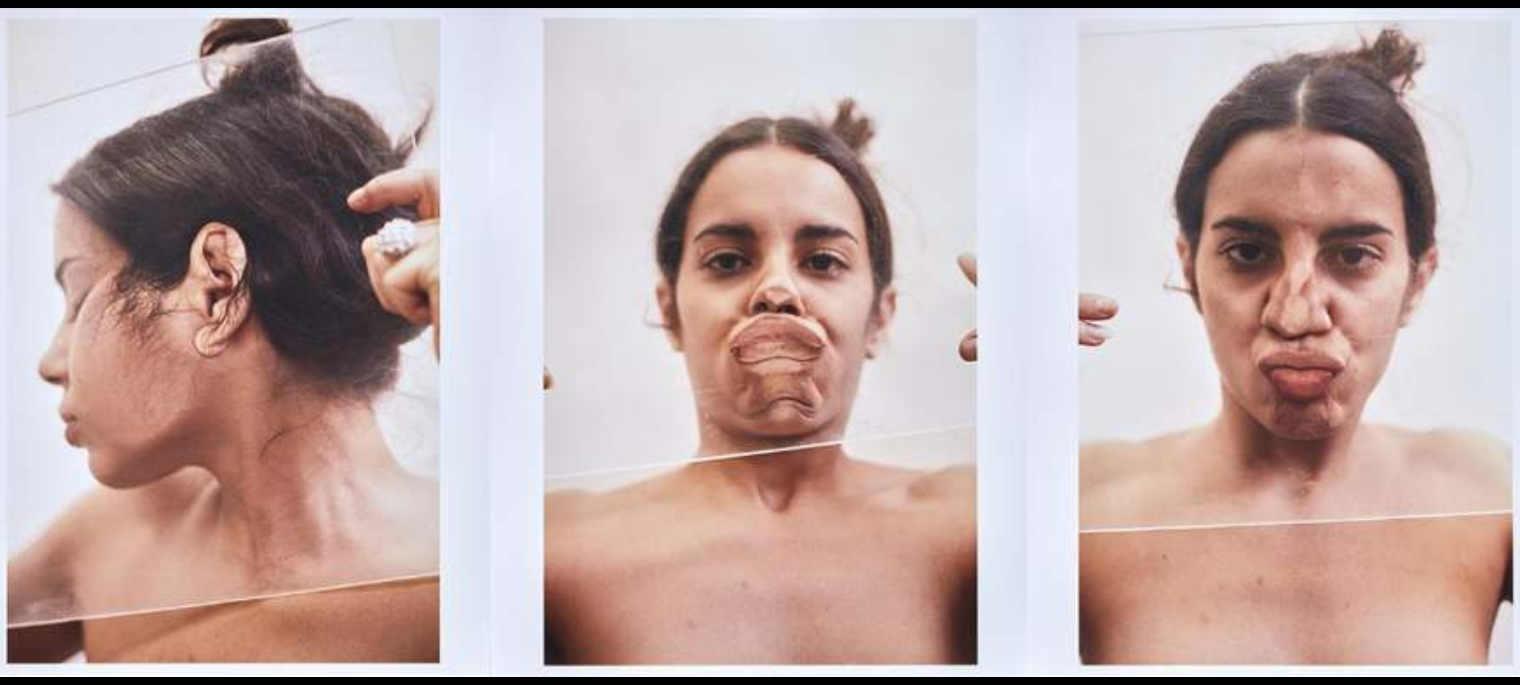
**(Tania Bruguera)** - Tinha 18 anos e aos poucos estava me dando conta de que os artistas " importantes" que estudávamos na escola eram sempre homens e não havia figuras feminina icônicas, mas um dia alguns amigos me mostraram um cartão postal de 54, retrato de uma artista Ana Mendieta. Um amigo que a conhecia me disse que a próxima vez que ela fosse em Cuba, nos apresentaria, mas logo em seguida ela faleceu. Senti um vazio emocional que se parecia com o vazio que me deixaram as pessoas que estavam deixando Cuba no mesmo tempo, entre eles meu namorado, meus professores e meus amigos.

Outro aspecto de sua obra se manifestou: o caráter transterritorial da identidade nacional. Assim que decidi falar da minha situação através de Ana Mendieta. Ao mesmo tempo também entendi que cuba não era a imagem de um homem que estava há 50 anos no poder, nem as fotos das pessoas felizes. Cuba era uma forma de ver a vida . A partir desse momento decidi que minha obra iria ser Cubana, não por suas cores, paisagens ou símbolos nacionais, mas sim porque era uma maneira diferente de ver o mundo. "

TRECHO EXTRAÍDO DA ENTREVISTA "RETRATO DE UN ARTISTA: TANIA BRUGUERA" DE **HUGO HUERTA MARIN**

TRADUÇÃO NOSSA





ANA MENDIETA
GLASS ON BODY IMPRINTS, 1972
FOTO PERFORMANCE

SALLISA ROSA
DA SÉRIE 'IDENTIDADE É FICÇÃO', 2019
FOTOPERFORMANCE

## ELOGIO AO TOQUE OU COMO FALAR DE ARTE FEMINISTA À BRASILEIRA

A autora realiza uma análise acerca da arte feminista no Brasil e como é indefinido esse contexto tanta no meio artístico como na historiografia. Passando por obras de grandes nomes da arte feminista e por conceitos e ideias de outros campos dos estudos sociais e da teoria feminista. A arte feminista é pensada e trabalhada com um olhar atento e muito bem embasado, pensando nas possibilidades de enfrentamento às políticas de controle dos corpos. Sendo assim, é um referencial teórico muito importante para compreender a temática.

CARLA SANTANA
FARDO, 2017
FOTOPERFOMANCE
REGISTRO: THOMAS MARIANO

**Letícia Parente** (Salvador, Bahia, 1930 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991). Videoartista, gravadora, pesquisadora, professora. Pioneira da videoarte no Brasil, transita também pela criação em fotografia, audiovisual1, xerox, arte postal, instalação, gravura e pintura. A casa e o corpo são fundamentais em sua obra, estabelecendo um diálogo entre a vida íntima e o mundo.

**Lenora de Barros** é uma artista visual e poeta brasileira. Em 1970 formou-se em Linguística pela Universidade de São Paulo e começou a interessar-se pelas interseções entre a prática poética e a arte visual. Utiliza em suas obras recursos diversos, como o vídeo, a fotografia e a instalação. Sendo umas principais artistas contemporâneas brasileiras.

CASTIEL VITORINO
"CORPO-FLOR", 2016- (EM DESENVOLVIMENTO)
FOTO-PERFORMANCE

MARIANA HONÓRIO
THERE'S A PLACE WHERE WE FEEL SAFE, 2023
ÓLEO SOBRE TELA
115X84CM

## HISTÓRIA DAS MULHERES, HISTÓRIAS FEMINISTAS: ANTOLOGIA (MASP)

Essa relevante antologia parte de duas exposições que aconteceram no MASP denominadas Histórias das mulheres: artistas até 1900 e Histórias feministas: artistas depois de 2000 e reúne, entre ensaios, manifestos, transcrições de seminários e entrevistas, 40 textos. São artistas, teóricas, curadoras e críticas do mundo todo que discorrem acerca das relações entre história da arte, a arte contemporânea e feminismo. Estão presentes textos de Andrea Giunta, bell hooks, Andrea Fraser, Conceição Evaristo, Glória Anzaldúa, Griselda Pollock e outro grandes nomes.

SÔNIA GOMES
SEM TÍTULO, DA SÉRIE RAIZ, 2018
COSTURA, ENCADERNAÇÕES, TECIDOS E LAÇOS
DIFERENTES EM ARAME E MADEIRA
64 × 100 × 75 CM

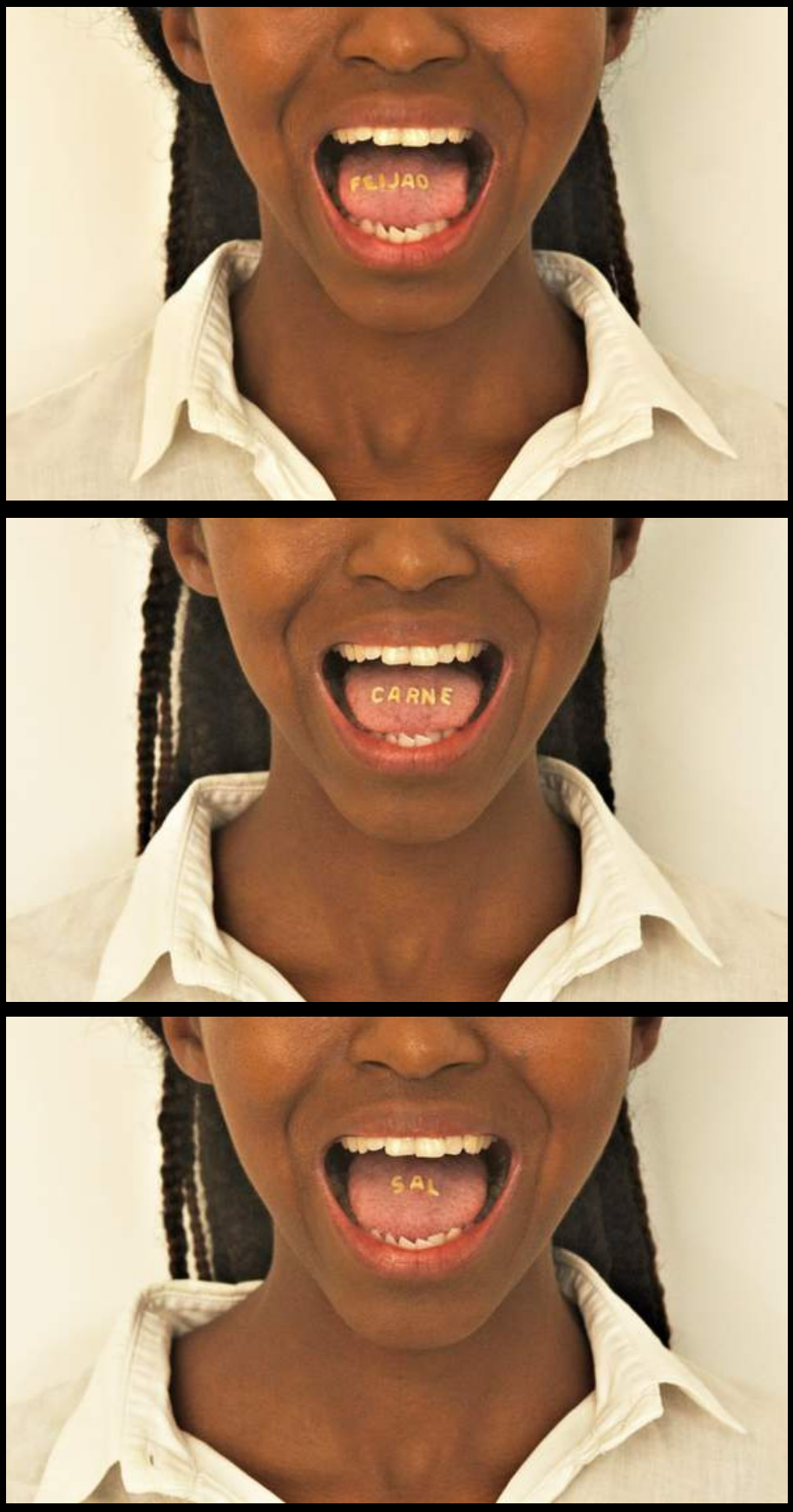
"Aprender a defender-se requer a elaboração de outras formas de perceber a própria fragilidade."

TRECHO DO TEXTO "RUMO
A UMA REDISTRIBUIÇÃO DESOBEDIENTE DE
GÊNERO E ANTICOLONIAL DA VIOLÊNCIA!"
JOTA MOMBAÇA

MARCELA CANTUÁRIA
"DEIZE TIGRONA", 2020
ÓLEO E ACRÍLICA SOBRE TELA
160 X 120 CM

**Rosana Paulino** artista visual, atualmente mora e trabalha em São Paulo, tem seu trabalho ligado a questões sociais, étnicas e de gênero. Sua produção têm como foco principal a posição da mulher negra na sociedade brasileira e os diversos tipos de violência sofridos por esta população decorrente do racismo e das marcas deixadas pela escravidão.

**Castiel Vitorino** é artista, escritora e psicóloga formada na Universidade Federal do Espirito Santo. Atualmente mestranda no programa de Psicologia Clínica da PUC-SP. Vive a Transmutação como um designo inevitável. Dribla, incorpora e mergulha em sua ontologia Bantu. Assume a cura como um momento perecível de liberdade. Estuda e constrói espiritualidade e ancestralidade interespecífica.




ANDREA HYGINO
DA SÉRIE “TIPOS DE COMER”, 2022
CARTILHA ESCRITA COM MACARRÃO SOPA DE LETRINHAS
SOBRE A LÍNGUA.
13X20CM CADA

**Priscila Rezende** é uma artista mineira nascida em 1985. Ela traz em sua produção artística questionamentos norteados por temas como: raça, identidade, gênero, e a presença do indivíduo negro e das mulheres na sociedade contemporânea. Trabalhando com diversas possibilidades artísticas, mas se entendendo principalmente enquanto uma performer, ela faz do seu próprio corpo a matéria para suas criações

Dessa forma, o trabalho de Priscila parte de suas experiências enquanto mulher negra para com isso levantar reflexões sobre debates urgentes levantados em suas obras: estereótipos, discriminações e outras violências provocadas pelo racismo. Há em sua produção um caráter autobiográfico, mas que também traz uma vivência coletiva, falar de si é também falar do outro, do seu semelhante.

VIRGÍNIA DE MEDEIROS
"STUDIO BUTTERFLY", 2003/2004
VÍDEO-INSTALAÇÃO

ROSA LUZ
E SE A ARTE FOSSE TRAVESTI?, 2016
AUTORRETRATO

PENSAMENTO FEMINISTA HOJE PERSPECTIVAS DECOLONIAIS

É uma coletânea essencial para pensar e discutir as questões de gênero. Nela estão compilados escritos muito importantes acerca do pensamento feminista a partir da perspectiva decolonial, que questiona e propõe novas epistemologias contra o feminismo eurocêntrico hegemônico. A organizadora, Heloisa Buarque de Hollanda, realiza escolhas muito certeiras nas autoras e textos apresentados e conta com nomes muito importantes como Lélia Gonzalez, María Lugones, Ochy Curiel, Julieta Paredes e Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, entre outras grandes teóricas.

HACKEANDO O PODER: TÁTICAS DE GUERRILHAS PARA ARTISTAS DO SUL GLOBAL - REDE NAMI

Simbolizando toda uma resistência e resiliência de grandes mulheres artistas, como Panmela Castro, Carollina Lauriano, Keyna Eleison, Lyz Parayzo, Aline Motta, Amanda Carneiro, entre outras mais, que juntas criaram um manual estratégico poético, onde jovens entusiastas das artes como nós, podem aprender a adentrar e entender como funciona o mercado de arte. É um guia de subverter sistemas que historicamente já estão contra nós, onde abordam temas essenciais como a violência de gênero, questões raciais e econômicas, tudo em busca de formar um pensamento ativo e bem estruturado para enfrentarmos as adversidades. Além de contar com relatos e experiências de artistas mulheres que já participam de exposições, feiras e prêmios de arte. Fica nítido sua função e a urgência de se criarem mais materiais  de guerrilha.

MARCELA CANTUÁRIA
"DEIZE TIGRONA", 2020
ÓLEO E ACRÍLICA SOBRE TELA
160 X 120 CM

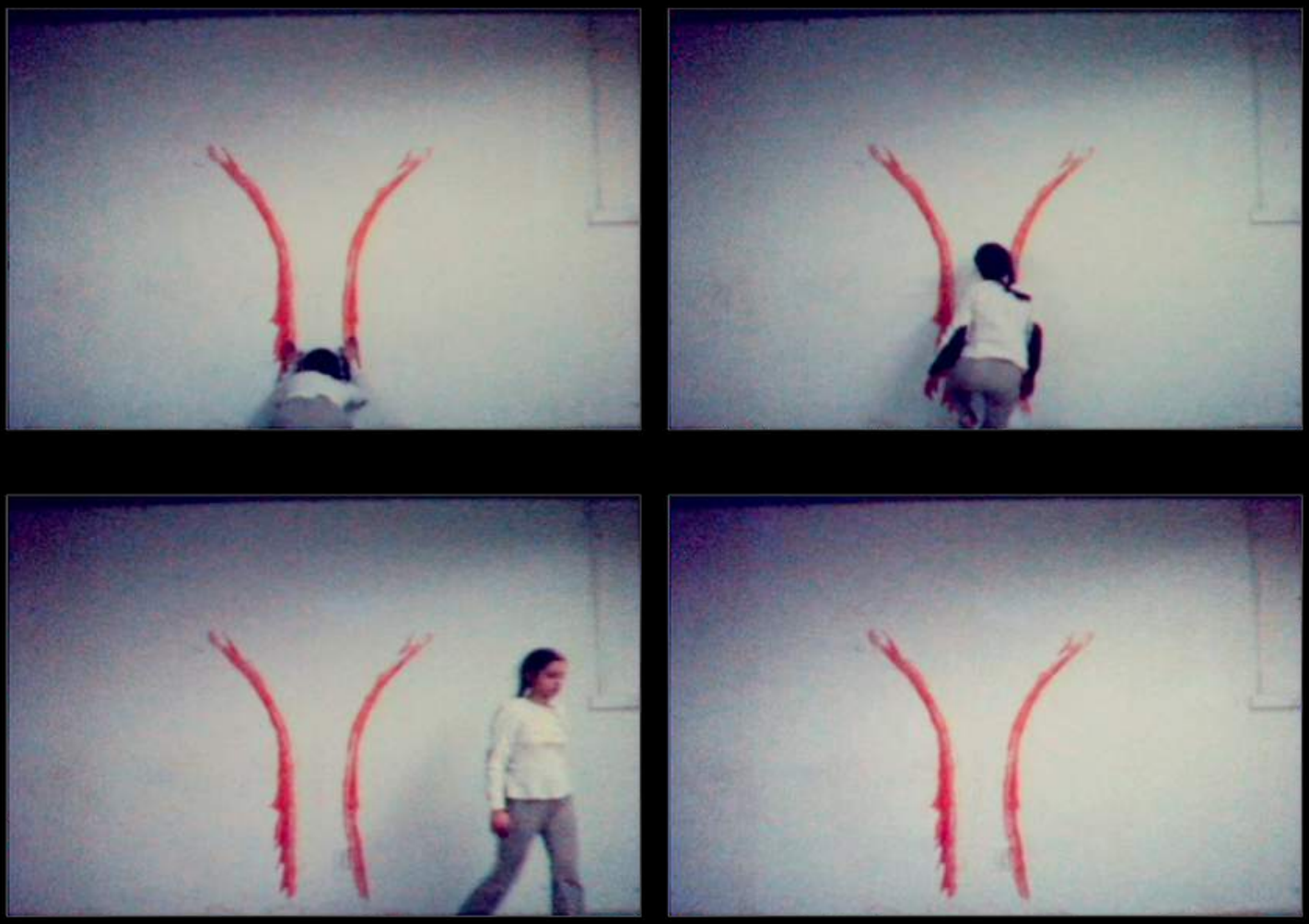
**Kika Carvalho** artista visual, Graffiteira, graduada em Artes Visuais na Universidade do Espirito Santo. Uma das criadoras do coletivo DasMina (2012), e do FEME - Festival de Mulheres no Graffiti (2016). Seu trabalho atualmente volta sua atenção à elementos que compõem um movimento de retorno, buscando a força presente em sua ancestralidade. Em suas palavras, seu trabalho parte de uma *"busca pessoal enquanto mulher negra que reverbera em muitas vivências coletivas sobre o que é ser negro no Brasil."*

**Priscila Rooxo** moradora da baixada fluminense, RJ. É artista visual, ativista, cursa atualmente Artes Visuais na UERJ. Começou sua trajetória com 13 anos com o graffiti e arte-educadora através da Rede NAMI. Atualmente produz pinturas que subvertem qual seria o papel da mulher na sociedade. Observando onde vive, seu trabalho mostra o olhar de uma mulher para outras mulheres. No cotidiano, amizade, laços familiares, trabalho e maternidade, diferente do que é reproduzido, onde os bairros periféricos correspondem a violência, Suas vivências são a potência da sua produção.

# POR QUE NÃO HOUVE GRANDES MULHERES ARTISTAS?

Linda Nochlin começa questionando essa pergunta intrigante, analisando três pontos cruciais: quem a formulou, por que foi feita e com qual intenção. Ao responder rapidamente essas três questões, utilizando o "senso comum", percebemos que podemos cair em armadilhas. Isso só perpetua estereótipos nos quais as mulheres são vistas como frágeis, delicadas e intelectualmente inferiores. Quanto mais categorias forem adicionadas, mais elas serão colocadas como submissas. Com essa suposta resposta em mente, fica fácil identificar o autor da pergunta: o homem.

Agora, se pararmos para pensar nos grandes artistas homens, qual seria o ponto em comum entre eles? Seriam todos agraciados com um dom e genialidade inatos ou apenas pessoas que tiveram acesso à educação e estudos desde sempre? Ao olharmos por essa perspectiva, entendemos por que também não existem grandes artistas negros ou pensadores filósofos em outros lugares além da Europa. Mais uma vez, percebemos o recorte que é feito e os parâmetros utilizados para questionar as condições desiguais na falta de registro ou acesso a essas atividades. No final, Linda contesta a ideia de genialidade, afirmando: "Essa pergunta contém muitas suposições ingênuas, distorcidas e não críticas sobre a prática artística em geral, assim como sobre a produção da grande arte."



ANA MENDIETA
SEM TÍTULO, (SINAL DE SANGUE N.º 2
VESTÍGIOS DO CORPO)
1974
PELÍCULA 8MM TRANFERIDA PARA MÍDIA DIGITAL

**Renata Felinto** Doutora, mestre e bacharel em Artes Visuais e Plástica. É artista, pesquisadora e educadora há mais de 20 anos, dos quais dez deles foram dedicados à arte-educação em museus e instituições de arte e cultura. Sua produção pauta a questão da identidade negra feminina, deslocamentos e conexões como a globalização em diálogo com a história ancestral. Como artista visual, vem desenvolvendo vários trabalhos que relacionam arte, identidade e gênero.

**Élle de Bernardini** Artista visual, performer, bailarina. Muitos trabalhos de Bernardini têm como suporte a própria figura da artista ou outras estruturas que remetem ao corpo. As obras criam experiências sensoriais que se opõem às investidas contra a liberdade de gênero.

KIKA CARVALHO
“DOZE NOVEMBROS #1”, 2022
ÓLEO E ACRÍLICA SOBRE TELA
200×150 CM

# Lista de Artistas Referências

Aline Besouro
Aline Luppi
Aline Motta
Ana Mendieta
Andrea Hygino
Anna Maria Maiolino
Astrid González
Carla Santana
Carmézia Emiliano
Castiel Vitorino
Coco Fusco
Diambe
Doris Salcedo
Élle de Bernardini
Glicéria Tupinambá
Kika Carvalho
Lenora de Barros
Letícia Parente
Lia La Novia Sirena
Lyz Paraíso
Manauara Clandestina
Marcela Cantuária
Maria Martins
Mariana Honório
Marta Minujín
Panmela Castro
Priscila Rezende
Priscila Rooxo
Regina José Galindo
Renata Felinto
Rosa Luz
Rosana Paulino
Rubiane Maia
Sallisa Rosa
Silvana Mendes
Sonia Gomes
Tania Bruguera
Teresa Burga
Uyra Sodoma
Virginia de Medeiros
Yacunã Tuxá

CRIAÇÃO, EDIÇÃO, CONCEPÇÃO, ELABORAÇÃO E PRODUÇÃO POR:

**Andressa Abbagliato** é cria de Irajá, historiadora da arte e atualmente desenvolve uma pesquisa sobre a performance enquanto poiesis de artistas latinoamericanas. Atua como produtora e mediadora cultural e é uma apaixonada pela colagem e suas infinitas possibilidades e pela música.

**Kássia Meireles** artista que não faz arte, vivo numa constante busca de um lugar de familiaridade, mesmo sabendo que o não-pertencer e o não-lugar são meus impulsionadores criativos, toda vez que tento algo novo aprendo um pouco mais de mim.